

Novas Damas no Arraial: notas sobre a experiência festiva de mulheres trans e travestis nas quadrilhas juninas de Pernambuco

Hugo Menezes Neto^a
Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda^b

Resumo: Este artigo analisa questões sobre a participação de mulheres trans e travestis nas quadrilhas juninas de Pernambuco. Partindo do princípio de que as quadrilhas juninas são forjadas numa tradição festiva cisheteronormativa, que divide seus brincantes entre damas e cavalheiros, apontamos como tal participação engendra subversões e desconstruções na lógica binária e sexista constitutiva da inteligibilidade social, ao mesmo tempo em que produz adequações e enquadramentos à referida lógica hegemônica. Analisamos, portanto, a partir da observação dos espetáculos, um processo em curso de construção de novas formas de (re)apresentar o feminino e de dar visibilidade à comunidade LGBTQI+ no maior espetáculo popular público apresentado no mês de junho no Nordeste.

Palavras-chave: Festas juninas, Quadrilha junina, Gênero, Sexualidade, Tradição.

O exercício apresentado neste artigo, ao pesquisarmos as quadrilhas juninas de Pernambuco, é pensar a relação entre corpo, gênero,

^a Professor do Departamento de Antropologia e Museologia e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPE). Email: hugo.menezesnt@ufpe.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0902-9649>.

^b Professor do Núcleo de Formação Docente do CAA e do Programas de Pós-Graduação em Educação Contemporânea (UFPE), Email: marcelo.gmiranda@ufpe.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9805-4792>.

sexualidade e cultura popular em uma forte e tradicional manifestação artístico-cultural do Nordeste. O ‘movimento quadrilheiro’ (Menezes Neto 2009) é – em sua exuberância estética, formulação agonística, caráter integrativo e produção de identidades e subjetividades – intenso, grandioso e singular. Trata-se, tal movimento, de centenas de grupos, articulados em rede, inseridos em circuitos competitivos de caráter estadual, regional e nacional, que mobiliza juventudes na preparação anual dos espetáculos e, sobretudo, promovem interação entre pessoas de diversas orientações sexuais e de gênero, reordenando as experiências coletivas e individuais.

Partindo da premissa de que, como alerta o antropólogo Rafael Noleto, “a diversidade sexual e de gênero está imiscuída em todo o processo de produção dos certames juninos e de apresentação das performances quadrilheiras” (Noleto 2016:14); nos chamou a atenção não somente a marcante presença de pessoas LGBTQI+¹ nas quadrilhas juninas pernambucanas, mas também as formas como elas vivenciam a experiência festiva e, conseqüentemente, como o debate sobre diversidade sexual e de gênero se reflete nos espetáculos apresentados nos arraiais².

O nosso ponto de partida, portanto, se forja no intuito de refletir sobre como os ordenamentos convencionais de gênero são ratificados ou subvertidos por homens gays cis³ e, especialmente, por travestis e mulheres trans em uma manifestação popular cuja organização define seus participantes entre damas e cavalheiros fundamentados em noções de gênero e performances corporais pré-definidas, estruturadas em pares categoriais, dicotômicos e excludentes (Butler 2022). O ponto de chegada é uma dupla constatação: a de que algumas brincadeiras da cultura popular, como as quadrilhas, estão conectadas a debates políticos atuais relativos à emancipação, à cidadania e ao agenciamento da diversidade sexual e de gênero, que borram os limites hegemônicos de identidades dicotômicas como processo de inteligibilidade social, desestabilizando e ou desconstruindo a cisheteronormatividade (Butler 2003, 2022; Nascimento 2021; Raimundo *et al.* 2021; Oliveira

2022); bem como, a de que a atual visibilidade de pessoas LGBTQI+ nesse mundo social é também efeito advertido da articulação política desse grupo e do fortalecimento das discussões em torno do potencial político das festas e das brincadeiras da cultura popular. Para tanto, seguiremos as pistas de autores que se dedicam às questões da diversidade de gênero e de sexualidade nas quadrilhas juninas em Pernambuco (Menezes Neto 2009; Nascimento 2017; Melo 2018)⁴ e em outros estados (Noletto 2016; Barroso 2019; Castro 2017)⁵.

As pesquisas sobre cisgenderidades, transgeneridades e homossexualidades, vinculadas aos Estudos Queer, nosso esteio conceitual, propõe desviar o foco das comunidades específicas e da fixidez das identidades, voltando-se mais para os processos de categorização social e sua desconstrução. Esse viés rompe com o fundamento epistemológico que reforçava, sem perceber, o estatuto da cisheteronormatividade e da heterossexualidade como normal e o da trans e da homossexualidade como desviantes, pecaminosas e complementares da cisheterossexualidade (Louro 2004; Miskolci 2007; 2009; Miranda & Oliveira 2016; Vergueiro 2016; Oliveira, Miranda & Silva 2018; Nascimento 2021; Oliveira 2022). Nesse caminho, denuncia-se o caráter ilusório da essência do corpo, do gênero e da sexualidade, pois essas categorias são construídas contingencialmente e (re)produzidas ficcionalmente como fixas (Jesus 2012, 2014; Perra 2014).

Sabemos que a sociedade ocidental, do final do século XX, elegeu questões ligadas à intimidade, à vida privada e à sexualidade como centro de reflexões sobre a construção da pessoa moderna. Nessa perspectiva, duas faces compõem a personagem do indivíduo moderno: a primeira está relacionada com o sujeito político, autônomo e tendo direitos de cidadania; a segunda está vinculada aos processos de subjetivação, aos dispositivos disciplinares que instituem, em diferentes sociedades e contextos históricos, a vivência de gênero e sexualidade como eixo central no engendramento das identidades (Heilborn 1999). Nesse sentido, entendemos que a experiência e a sociabilidade engendradas pela dinâmica de produção de um brinquedo popular

como uma quadrilha são também responsáveis pela formação desses indivíduos, impactam ainda na formulação de crítica social e na construção, e entendimento, de identidades corporais, de gênero e de sexualidades (Passos 2022).

Nossa reflexão, portanto, parte da ideia foucaultiana (1997) de dispositivos disciplinares, que analisa como o mundo moderno centra sua atenção sobre a sexualidade elegendo o que seria ‘normal’ e o ‘anormal’. Dispositivo, como objeto da descrição genealógica, decorre da necessidade da análise de poder, na relação entre o discursivo e não discursivo, o dito e o não dito (Castro 2009). Esse dispositivo ganha materialidade e opera por meio das relações estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, e também, assim entendemos, na experiência das manifestações da cultura popular. Nesse sentido, as festas populares operam, por meio da ideia de tradição (Lecloud 2013)⁶, formas de enquadramento e controle dos corpos na chave da imposição social da cisheteronormatividade.

A ideia de cisheterossexualidade, baseada no pensamento de Foucault (2007), como base como dispositivo disciplinar sexual, é constituída em dois momentos históricos distintos. O primeiro está relacionado à cisheterossexualidade compulsória, que diz respeito à invenção da homossexualidade pela ciência médica, no final do século XIX e início do século XX. O segundo se relaciona à projeção da cisheteronormatividade (Vergueiro 2016; Nascimento 2021). Com a homossexualidade deixando de ser considerada patologia e consequentemente descriminalizada, a cisheteronormatividade se constitui como “marco de controle e normalização da vida de gays e lésbicas, não mais para que se ‘tornem heterossexuais’, mas com a finalidade de que vivam como eles” (Miskolci 2007:07).

Nas quadrilhas juninas de circuitos competitivos, no Nordeste, a diáde masculino e feminino é expressa e ratificada nas roupas, na *performance* e nas coreografias. No entanto, cada vez mais não só mu-

lheres cis dançam e performam damas, o que nos leva a pensar, a princípio, na desarticulação da estrutura tradicional e cisheteronormativa: mulheres cis performam damas e homens cis, cavalheiros, emblematizando um casal heterossexual. A experiência festiva das quadrilhas aponta para possibilidades de burilar sentidos e convenções sociais ao permitir que homens gays cis, travestis e mulheres transexuais mostrem a fragilidade do sistema da cisheterossexualidade compulsória e cisheteronormatividade estrutural (Butler 2003; 2008; Jesus 2013; Nascimento 2021) quando passam a reivindicar e a performar damas. A cisheteronormatividade é decorrente de pressupostos da performatividade da cisheterossexualidade como essência natural, e não ficcional. Ela está relacionada a expectativas e obrigações sociais, das quais a cultura popular ajuda, ao seu modo, a reificar e partilhar como:

“Conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, a [cis]heteronormatividade marca até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto [...]. A [cis]heterossexualidade não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo de formar a todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da [cis]heterossexualidade” (Miskolci 2007:5-6).

Nessa perspectiva, as quadrilhas juninas pernambucanas seguiam e reproduziam a mesma lógica de controle e normalização. No entanto, ao menos desde os anos de 1990 - quando mudanças estéticas evidenciam novas definições sobre o que narrar, apresentar, informar uma quadrilha (Menezes Neto 2009) - as pessoas LGBTQI+ sempre ocuparam posições importantes na produção desses espetáculos populares, porém, nas apresentações públicas, na dimensão estético-artística, eram impelidos a se adequarem aos ditames da tradição performando a personagem de gênero (cavalheiro ou dama) ‘naturalmente’ associado ao entendimento clássico de sexo biológico. Os(as) quadrilheiros(as) quando passam a problematizar tal lógica linear, com maior contunência nos últimos 20 anos, sublinham inadvertidamente a ficcional-

lidade das categorias dicotômicas, excludentes e hierarquizadas, constitutivas da experiência social que materializam performatividades de: masculinidades, feminilidades, homens, mulheres, heterossexualidade e homossexualidade (Butler 2003, 2008, 2022; Oliveira 2022).

Seguem algumas reflexões sobre a participação de homens gays cis, e, principalmente, de travestis e mulheres trans, desempenhando a função de damas nas quadrilhas pernambucanas. Destacamos a conexão entre aspectos da dimensão simbólica das festas juninas que indicam sua relação com as noções de família, casamento e heterossexualidade, acreditando que as quadrilhas, como realização artístico-cultural mais expressiva dessas festas, condensam sentidos alusivos à celebração desses aspectos hegemônicos, cisgêneros e heteronormativos. Em seguida, analisamos como tal participação opera ambigualmente tanto na manutenção dos códigos hegemônicos de gênero e sexualidade, como na subversão e agenciamento da cisheteronormatividade. Por fim, exploramos exemplos de novos rumos na mobilização em tono do descentramento dessa lógica dual, apontados por algumas quadrilhas juninas em seus espetáculos nos anos de 2018 e 2019, quando da realização da pesquisa de campo pautada na observação direta dos concursos.

Quadrilha junina: uma manifestação cisheteronormativa?

Os festejos juninos se remetem aos rituais pagãos do solstício de verão, apropriados pela igreja católica, celebram a culminância do ciclo de plantio e de colheita, como comemoração da fertilidade da terra e da humanidade. No catolicismo popular que lastreia a festa, todos os santos do ciclo junino estão ligados à fertilidade, à procriação/perpetuação, à família e ao casamento entre homens e mulheres. Inicia-se, o ciclo junino, com o dia de São José, em 19 de março, protetor das famílias, santo responsável pelas chuvas para a fecundação da terra, para o plantio e, consequentemente pela fartura que virá no mês de junho. Em seguida, celebra-se Santo Antônio (13 de junho), conhecido como santo casamenteiro, aquele para quem, nas narrativas populares, as mulheres devem rogar por um noivo e fazer simpatias

para conseguir um matrimônio e formar família. Em 24 de junho é o dia de São João, santo protetor dos casados. Por último, São Pedro (29 de junho), protetor das viúvas, também ligado às chuvas.

São João é o mais conhecido e festejado dos quatro santos mencionados acima. A narrativa mítica de São João Batista serve como exemplo paradigmático da questão supracitada: morto por ter condenado publicamente o rei Herodes, que havia desposado Herodias a mulher do seu próprio irmão, portanto, traindo-o. Em outras palavras, João Batista saiu em defesa do matrimônio e das regras sociais, como a fidelidade conjugal. O imaginário social da festa abre espaço para a idealização do casamento nas rezas, simpatias e advinhas. É tempo de promessas, atrair pretendentes e adivinhar o futuro amoroso através de rituais de teor mágico-religioso. Não coincidentemente, então, a quadrilha junina do Nordeste é constituída pela encenação de um casamento celebrado entre um homem e uma mulher cisgêneros⁷.

A encenação do casamento está presente tanto nas quadrilhas de estética matuta, conhecida como tradicionais, como naquelas de estéticas não-matuta, conhecidas popularmente como estilizadas ou recriadas. Essas últimas, enfatizadas neste artigo, fazem parte de um universo de competição que tem no casamento junino um importante item de julgamento nos certames locais, regionais e nacionais. Tal encenação faz dos noivos, protagonistas do espetáculo, o emblema do amor entre homens e mulheres, da família, da procriação, da continuidade da vida e da manutenção da ordem social. Apresentam, essas quadrilhas, como indica Rafael Noleto (2016), performances dançadas que giram em torno de noções corporificadas de ruralidade, conjugabilidade, religiosidade e sexualidade; uma sexualidade cisheterossexual.

Das damas e dos cavalheiros são esperadas, além das indumentárias distintas, performances diferenciadas, construídas como opostos complementares e estereotipadas, ancoradas na lógica binária de gênero. Assim espectadores/as e julgadores/as esperam, por exemplo, a beleza e a graciosidade das damas, bem como a elegância e a força dos cavalheiros, performatizando o binarismo ficcional e hegemôni-

co entre mulheres e homens cisgêneros (Vergueiro 2012; Jesus 2014; Butler 2022). Porém, cada vez mais as quadrilhas juninas tensionam essa expectativa quando não apenas mulheres cis performam damas.

A inversão estético-performática dos gêneros é parte da cultura popular ao menos desde a Idade Média, constituindo o que Bakhtin (1999) chama de ‘visão carnavalesca de mundo’. A inversão de papéis (quando mulheres dançam de cavalheiros e homens de damas, por entretenimento) sempre estiveram presentes na quadrilha de estética matuta ou ‘tradicional’, todavia, tratava-se de performances caricaturais, jocosas ou pontuais. Não era incomum a figura do homem cis vestido como uma dama desajustada, para fazer piada, que rapidamente era possível identificar a farsa, pois o propósito era mostrar a inadequação plena do indivíduo cis no papel do gênero oposto.

Em Pernambuco, as quadrilhas juninas estilizadas, desde o começo dos anos 2000, tentam fugir da inversão para mostrar a inadequação, buscando paulatinamente acionar um jogo sócio-político-artístico de reocupação dos lugares de gênero. Tratam-se de grupos que ao longo do tempo convertem a experiência artístico-cultural na promoção de processos de desconstrução ou de reafirmação de preconceitos e estereótipos de gênero e sexualidade, desestabilizando a cisheteronormatividade compulsória expressa na lógica tradicional ‘homens-cis-cavalheiros e mulheres-cis-damas’.

Nesse novo contexto, os/as quadrilheiros/as, as comunidades, os/as espectadores/as e os concursos são agentes de intensos debates e protagonistas de mudanças e tensões na estrutura binária das quadrilhas antes plenamente amparada na força da tradição junina que legitimava uma experiência de controle, enquadramento e perpetuação de preconceitos.

Das caricatas ao lugar de damas

Como anteriormente dito, é conhecida a participação de homens cis representando personagens femininos em diversas brincadeiras populares. Nas quadrilhas de estética matuta, ou tradicionais, quando

exigido pelo contexto cômico, os brincantes do sexo masculino se vestiam de damas, ativando um sentido paródico da inversão de papéis, ratificando a ordem existente menos do que a subvertendo. Encenavam, tais brincantes, uma performance que se pretendia engraçada por ser caricatural e preconceituosa. Em Pernambuco, a partir do final dos anos de 1900, é possível identificar mudanças. A experiência mais contundente ocorreu no início dos anos 2000, quando a Quadrilha Junina Lumiar, campeã de concursos estaduais e regionais, trouxe personagens femininos importantes na história do seu casamento, e para o desenvolvimento do tema⁸ da quadrilha, interpretadas por homens cis gays, travestis e mulheres trans, eram as chamadas ‘caricatas’.

A Lumiar foi pioneira e sua proposta gerou polêmica no Nordeste, dividindo opiniões de quadrilheiros/as, públicos e jurados de concurso (Menezes Neto 2007). As caricatas não se comportavam, a rigor, como damas, possuíam uma linguagem corporal propositalmente exagerada, mais próxima das *drag queens*, interagindo com o público como uma personagem ou uma participação especial. Devido ao sucesso de seus espetáculos, as caricatas da Lumiar foram replicadas em muitos grupos, participavam de momentos específicos, especialmente na encenação do casamento com a função de provocar a comédia. Elas não necessariamente tinham sua indumentária igual a de outras damas, não dançam as coreografias e, o mais importante, não formavam um par com um cavalheiro, por isso não precisavam performar o modelo ‘ideal’ de feminilidade exigido de uma dama. Não tinham, portanto, o compromisso de se parecer com as demais damas da quadrilha.

Para Judith Butler (2003, 2008, 2022), a mudança social é obtida pela desestabilização das construções naturalizadas na lógica linear do sexo/gênero/sexualidade – por meio da paródia⁹. As caricatas, não obstante, se converteram uma nova forma de participação por meio da paródia, assumiam uma dimensão política que denunciava, inadvertidamente, a ficcionalidade das categorias dicotômicas, hierarquizadas e excludentes de sexo (macho-fêmea), gênero (homem-mulher) e sexualidade (heterossexual-homossexual), indicando, na chave da arte

popular, como a heterossexualidade e a homossexualidade são uma construção social e histórica (Miranda & Oliveira 2012; Miranda & Silva 2016)¹⁰. As quadrilhas juninas, portanto, aos poucos escapam da inversão de papéis despolitizada e preconceituosa, que estava a serviço do reforço mais do que da crítica ou da subversão, para forjar-se como um espaço para potentes atos parodísticos.

Ainda nessa primeira década dos anos 2000, a própria Lumiar passou a incorporar também homens cis gays, travestis e mulheres trans dançando como damas. A Lumiar foi uma das maiores campeãs entre os anos 2000 e 2005, credenciando-se por ciclos juninos consecutivos como a representante pernambucana nas disputas regionais e nacionais¹¹, o êxito nos concursos fez a proposta se espalhar para as outras quadrilhas. Essas mudanças provocaram conflitos e negociações, demandaram ajustes nos discursos e nas práticas do movimento quadrilheiro e, conseqüentemente, no regulamento dos concursos com vistas a acolher a nova proposta.

Fábio Andrade, liderança da Quadrilha Lumiar, entende que as caricatas foram personagens muito importantes para o movimento quadrilheiro, quebrando paradigmas em um momento específico da história das quadrilhas pernambucanas., configurando-se como uma possibilidade de variação no esquema binário vigente também para as demais quadrilhas (Menezes Neto 2007, 2009). As caricatas instauraram o início de um movimento de reordenação definitiva dos lugares a serem ocupados por homens e mulheres (cis e trans) na estrutura dessa brincadeira popular em Pernambuco. Ainda segundo Fábio Andrade, desde então, o conceito e a prática das quadrilhas acerca da participação de pessoas LGBTQI+ mudaram, os quadrilheiros devem ser vistos independentemente de suas orientações sexuais e de gênero, em suas palavras: “como artistas que, se quiserem, ocupam o lugar de dama, usando vestido” (Nascimento 2017:32). Vale ressaltar que ele mesmo provocou o público e os jurados dos concursos sendo marcador¹², homem cis gay interpretando personagens femininos, inaugurando essa nova possibilidade para a função no início dois anos 2000.

O limite agudo da teoria de Fábio Andrade está, por um lado, na evidente constatação de que na vida social desses artistas nunca há, de fato, a independência dos marcadores sociais e das inscrições de gênero e sexualidade; por outro lado, escapa a essa ideia a compreensão de que a participação como dama em uma quadrilha incide na desarticulação dos processos sociais de generificação e enquadramento dos sujeitos, por meio da produção de uma crítica às convenções sociais e na construção de subjetividades ligadas às noções de diversidade e diferença.

As quadrilhas não só promovem e se constituem de artistas dispostos a ocupar o lugar de damas, mas ao ocupar esses lugares os quadrilheiros e quadrilheiras passam a pensar criticamente sobre a vida social, e também suas subjetividades, nas chaves identitárias do sexo e do gênero. Nesse contexto, muitos jovens das periferias de Recife exercem sua sexualidade e redefinem suas identidades de gênero dançando quadrilha, reconhecem-se como pessoas LGBTQI+, e assim usam seus corpos nesse espaço privilegiado de sociabilidade e produção artística, por vezes desafiando os padrões sociais hegemônicos heteronormativos. De acordo com a pesquisadora, Liana Melo (2018), é possível afirmar que as quadrilhas começam a se consolidar como lugares de experimentação, de discussão e de transformação, no que se refere à produção das identidades de gênero, lugar de experiências políticas e de acesso à cidadania:

“A chegada ao posto das damas simboliza o reconhecimento, pessoal e de terceiros, nos espaços públicos e de sociabilidade que dimensionam uma narrativa de descobertas e afloramentos das identidades, mas também de uma forma de cidadania. O direito ao acesso e à participação a vida cultural sem preconceitos de gênero e de sexualidade, conforme às diretrizes de documentos nacionais e internacionais de direitos humanos, ganha eco na manifestação cultural, ainda que os grupos locais não o façam de maneira expressamente articulada com os documentos existentes” (Melo 2018:137).

A notória ampliação da participação de homens cis gays, travestis e mulheres trans como damas nos arraiais provoca debates e produ-

zem argumentos conservadores inscritos na ideia de tradição, bem como, em noções preconcebidas sobre corpo, gênero e sexualidade. Por exemplo, muito se fala em uma perda de espaço das mulheres cis nas quadrilhas que seriam preteridas por outras damas, apontando para a uma possível misoginia cisgênero. Entretanto, trata-se de um processo inverso e mais complexo. A ausência de mulheres cis é sentida por muitas lideranças das quadrilhas que expressaram, em entrevistas, a dificuldade em trazê-las e/ou mantê-las em seus quadros¹³. Para eles, as jovens quadrilheiras mulheres cis da periferia do Recife e Região Metropolitana têm sua participação impedida ou descontinuada mais do que participantes de outros perfis. Muitas delas engravidam cedo e logo constituem família, assumem responsabilidades cumulativas com a dupla ou tripla jornada de trabalho em casa, na rua e no cuidado com os filhos; não conseguem se dedicar aos ensaios e ao circuito de concursos que exige tempo. Algumas se afastam dos grupos ou nem chegam a entrar, pois, são drasticamente impedidas pelos namorados ou maridos pautados na alegação machista e opressora do ‘ciúme’ devido ao contato com o par do gênero oposto. Parte delas também desistem por falta de recurso financeiro para custear o figurino¹⁴, em um contexto de altas taxas de desemprego, maiores, evidentemente, entre mulheres jovens nordestinas e racializadas.

Outro debate conservador importante quanto à participação de pessoas LGBTQI+ nas quadrilhas juninas é similar ao que ocorre no contexto dos esportes profissionais no Brasil (Almeida Filho 2022). Reivindica-se que uma quadrilha com muitos homens cis, travestis e mulheres trans dançando como damas seria ‘fisicamente mais forte’, desequilibrando a competição que exige força física para cantar e dançar freneticamente por 25 minutos ininterruptos. Esses grupos, então, teriam uma ‘vantagem biológica’ atribuída ao excesso de força masculina, enquanto aqueles que não abrem esse espaço para diversidade de corpos e de identidades equilibrariam a participação de homens e mulheres atendendo aos ditames da tradição.

Por fim, o agenciamento dos conteúdos tradicionais também surge como outro ponto das discussões. A participação de homens cis gays, travestis e mulheres trans como damas, afastaria o público mais conservador, crítico das mudanças e alheio ao trabalho, mesmo que oscilante, de gestão da diferença realizado pela cultura popular. No contexto atual de polarização política no Brasil, a crítica pública às questões de gênero e sexualidade se aprofunda nas periferias, instaurando um embate entre os espaços de promoção da diversidade, como as quadrilhas, e uma parcela significativa das comunidades periféricas de orientação religiosa e moral conservadora. No enfrentamento com os ‘defensores da tradição da festa’ ou com os ‘guardiões da moral’ as quadrilhas juninas continuam avançando. Cada vez mais, elas manifestam novos arranjos e discursos políticos, sublinhando que os sentidos sobre o corpo, gênero e a sexualidade são ficcionais (Butler 2003, 2022). Elas também reforçam pilares dos direitos humanos por meio do respeito e aprendizado com a diferença (Miranda & Lima 2019) como constituinte importante da experiência festiva.

Muitos foram os avanços no campo das discussões de gênero e sexualidade nas quadrilhas juninas de Pernambuco desde o surgimento das caricatas. O lugar da comunidade LGBTQI+ tornou-se uma pauta constante no movimento quadrilheiro nacional, e as quadrilhas pernambucanas, por sua vez, são pioneiras nessas mudanças expressas em suas apresentações públicas. Para citar alguns exemplos, em 2004, a Quadrilha Brigões de Suape apresentou o primeiro ‘beijo gay’ entre duas mulheres e dois homens em um espetáculo cujo tema era ‘o amor no São João’. Em 2006, a Quadrilha Junina Lumiar teve uma noiva interpretada por uma mulher trans. Na primeira década dos anos 2000, as quadrilhas Explosão Pernambucana, Origem Nordestina e Zabumba se desatacaram com mulheres trans ocupando o lugar de ‘marcadoras de quadrilha’ (função por muito tempo reservadas aos homens cis) com as icônicas marcadoras Carola Fashion, Suelane e Mel, respectivamente. Em 2013, a Quadrilha Junina Tradição protagonizou o primeiro ‘casamento gay’ entre dois homens cis gays que eram os noivos do espetáculo.

Nesses e em outros grupos, as novas damas (não cis) têm ganhado espaço, ocupando inclusive lugares privilegiados no espetáculo, leia-se de grande visibilidade, como o de noiva, maria bonita, princesa e rainha, que são papéis cobiçados. Nas suas pesquisas, Roberto Nascimento (2017) destaca a expressividade de tal participação, indicando a existência de quadrilhas com metade das damas interpretadas por homens cis gays, travestis ou mulheres trans. Vale sublinhar, porém, que na maioria das vezes elas são impelidas pelas convenções (postas na ideia de tradição) desse mundo social, a apagar os marcadores de diferença corpórea, especialmente o de gestual performático (forma de dançar e se comportar na apresentação) e o da elaboração estética (montagem), no intuito de se misturar/confundir com as mulheres cis e compor de modo coeso o conjunto de damas do seu grupo.

Os concursos e a audiência esperam que as damas representadas por pessoas LGBTQI+ passem despercebidas ao se misturarem às demais damas, para assim parecerem mulheres cis, heterossexuais, dançando com graça, leveza, feminilidade (e outros adjetivos constitutivos da ideia do feminino cisheteronormativo), compondo um par de opostos com seus cavalheiros. Ou seja, há uma cobrança pela manutenção da binaridade, do enquadramento irrestrito numa espécie de feminilidade padrão a partir do uso de tecnologias e da adoção de recursos cênicos para a construção imagética do que se espera de uma dama; que especificamente para as mulheres trans e travestis é mais uma exigência de ‘passabilidade’ (Duque 2020)¹⁵. Para Rafael Noleto (2016), as quadrilhas juninas produzem uma ‘heterossexualidade e cisgeneridade coreográfica’, que atua como dispositivo de regulação dos corpos para conseguir o efeito de indistinção entre as quadrilheiras/damas enquanto dançam. Outrossim, além da preparação estética ou ‘montagem’ (maquiagem, cabelo e figurino) com intuito da indistinção física, há ainda uma preparação artístico-perfomática (promovida pelos ensaios) e uma preparação emocional/subjetiva para que elas se percebam plenamente integradas à quadrilha e ao espetáculo tal qual as mulheres cis (forjando um efeito de grupo coeso e engajado dentro e fora do arraial).

Nesse sentido, não devemos negar que a participação de homens cis gays, travestis e mulheres trans nas quadrilhas juninas desestabiliza a lógica binária norteadora das configurações hegemônicas de gênero e sexualidade. Como analisou Rafael Noletto: “misturadas às mulheres cisgênero heterossexuais, essas pessoas ‘trans’ complexificam o entendimento binário dos gêneros nesse contexto coreográfico marcadamente dividido entre damas e cavalheiros” (2016:187). Todavia, não devemos perder de vista que tal inserção por si, quando apenas replica a performance comum às damas e demanda várias formas de preparação/enquadramentos, não subverte a referida lógica do essencialismo corporal, de gênero e de sexualidade, ao contrário, a reafirma. Assim, se por um lado, essa participação aponta para um avanço político na discussão atual sobre a representatividade e diversidade sexual e de gênero na cultura popular, por outro, ambivalentemente, também aponta para o reforço do binarismo e para a manutenção dos estereótipos, uma vez que as quadrilhas juninas continuam dramatizando anualmente os códigos, valores e comportamentos corporais cisheteronormativos, inclusive tentando enquadrar os corpos e as corporalidades dissidentes dos seus brincantes¹⁶.

O movimento quadrilheiro não abre espaço para o não-binário, para performances que fogem dos parâmetros pré-estabelecidos acerca de como devem dançar homens/cavalheiros e mulheres/damas. Homens cis gays que dançam como cavalheiros, por exemplo, são cobrados a evitar exageros nos ‘trejeitos afeminados’ com vistas a emplacar com garbo, virilidade e força a interpretação de um cavalheiro cisgênero e heterossexual que condensa sentidos da masculinidade hegemônica (Connel, Messerschmidt & Fernandes 2013; Nogueira & Miranda 2017)¹⁷. Do mesmo modo, homens cis gays, travestis e mulheres trans que dançam de dama não podem deixar resquícios de barba (o que chamam de ‘chuchu’), não podem ser ‘machudas’ (masculinizadas ou lembrar algo ligado ao ‘masculino’), devem fazer maquiagem e cabelo (o que chamam de ‘se montar’) de forma impecável, têm que saber rodar a saia ‘como uma mulher’, entre outros qualificativos.

É importante destacar que esse jogo de ocultar identidades de gênero para que o coletivo emule a cisgeneridade hegemônica atende também a uma demanda de parte das mulheres trans e travestis. O apagamento compulsório das diferenças corporais no intuito de tornar o conjunto das damas cisgenerificado e heterossexual, oferece à parte significativa dessas pessoas a oportunidade do ‘efeito de indistinção’ (Menezes Neto 2019; Castro 2018)¹⁸ requerido, uma suspensão temporária das tensões que enfrentam nos seus cotidianos ligadas as suas identidades de gênero.

Por fim, a história do processo de desconstrução da estrutura sexista e binária das quadrilhas juninas é também a de uma luta política de homens cis gays, travestis e mulheres trans contra a obrigação de representar cavalheiros, personagem generificado, enquadrado no masculino hegemônico, com o qual não se identificam. Essa recusa rebelde se conecta com as histórias de vida desses sujeitos, situadas na vivência de preconceitos, exclusões, violências e na lógica opressora do enquadramento. Trata-se de um processo em curso, cheio de nuances e que oferece muitas possibilidades para pensar a experiência festiva junina. Em 2018 e 2019, como veremos a seguir, algumas quadrilhas acenaram, com atuações corajosas, para novas reflexões acerca da participação de pessoas LGBTQI+ nos seus espetáculos, desorganizando o trabalho de enquadramento hegemônico quando passam a negar agora a cisgeneridade compulsória das damas juninas.

Desestabilizando a ilusão cênica de gênero: experimentações recentes

As caricatas, como personagens em participação especial, não omitiam da plateia sua condição *queer*. Por meio da paródia corporal, do farsesco, do cômico, elas deixavam claro que não se tratavam de mulheres cis em cena. Quando homens cis gay, travestis e mulheres trans passam a fazer parte do corpo da quadrilha – vestindo-se como as demais damas do grupo, dançando todas as coreografias obrigatoriamente acompanhada de seus cavalheiros e misturadas às mulheres cis – novos processos de autorização e procedimentos de adequação à

lógica de corpo e de gênero com vistas à manutenção da organização tradicional homens cis-cavalheiros e mulheres cis-damas, dançando como um par ou casal emblemática e pretensamente cisheterossexual.

Nos últimos dois anos, no entanto, as quadrilhas sinalizam mudanças. Alguns grupos de Pernambuco e de outros estados vêm apresentando em seus espetáculos personagens que assumem no arraial sua condição de pessoa trans. Nesses grupos, a ilusão cênica é propositalmente desfeita, tal condição é literalmente assumida, exposta pelo espetáculo ou verbalizada pelo marcador. Nas apresentações dessas quadrilhas não pairavam dúvidas de que algumas quadrilheiras a rodopiar no salão não eram mulheres cis.

Em Recife, a Quadrilha Junina Raízes, em 2018, fez uma comovedora homenagem à Dandara Santos, mulher trans cearense, espancada e morta a tiros por homens, no dia 15 de fevereiro de 2017, em Fortaleza. Foi um crime de ódio, provocado por transfobia¹⁹, que alcançou muita repercussão nas redes sociais.

O tema da quadrilha intitulava-se: ‘Só Jesus na causa’. Contou a história da esperada volta de Jesus à Terra, que ocorreria nas festas juninas. Ao chegar, ele se depara com a cena de uma mulher trans, Geni, sendo apedrejada. A cena é realizada ao som da música ‘Geni e o Zepelin’, de Chico Buarque. O carro de mão²⁰, em alusão ao caso de



Imagem 01: Quadrilha Junina Raízes. Geni no Carro de Mão.

Dandara Santos, entra para carregar a personagem. Geni, abreviação de Genivaldo, é salva por Jesus e retorna ao arraial como a rainha da quadrilha, com direito ao arco-íris da bandeira do movimento LGBTQI+ na barra da sua saia. Sem peruca, sem enchimentos, Alice, nome social da rainha, dança com um homem cis que tem uma faixa atravessada no peito com o mesmo arco-íris representativo da diversidade.



Imagem 02: Quadrilha Junina Raízes. Geni, salva por Jesus.
Fotografias de Paulo Mafe.



Imagem 03: Quadrilha Junina Raízes. Geni volta como rainha da quadrilha.
Fotografia de Paulo Mafe.

Também em 2018, no Ceará, a Quadrilha Girassol do Sertão, da cidade de Russas, no Vale do Jaguaribe, trouxe como tema ‘Minha manifestação cultural também é política’, cujo argumento central é o potencial político de uma quadrilha junina para falar sobre opressão às minorias. Em determinado momento do espetáculo, o grupo também fez uma homenagem a Dandara Santos. Cíntia Freitas, uma das quadrilheiras da Girassol do Sertão, é uma mulher trans e interpretou a cena do espancamento e morte de Dandara, coincidentemente também ao som de ‘Geni e o Zepelin’, de Chico Buarque, emocionando a audiência. Assim como na vida real, a personagem do arraial foi levada em um carro de mão, mas, reapareceu minutos depois vestida como a rainha da quadrilha, com as cores da bandeira do Brasil e gritou para o público: “Dandara, presente! Parem de nos matar! Eu sou Cíntia Freitas, sou mulher trans e faço parte dessa sociedade!”.

Além da homenagem à Dandara, as quadrilhas Raízes (de Pernambuco) e Girassol do Sertão (do Ceará) têm mais em comum: duas mulheres trans que dançam de damas, mas que negam a ilusão cênica junina e anunciam a sua condição/identidade transgênero para a plateia e julgadores.

Em 2019, a Quadrilha Junina Zabumba, do município de Camaragibe, Pernambuco, desenvolveu seu tema e sua história do casamento em um presídio fictício. A proposta era tratar a arte e a cultura popular como instrumentos de ressocialização. A rainha da quadrilha era uma mulher trans. Sua condição de transgeneralidade foi revelada ao público e aos julgadores desde o começo do espetáculo, verbalizada nas falas do casamento. Ela era uma das mulheres trans detentas, personagem da história contada pelo grupo. Em um determinado momento ela assume o posto de rainha da quadrilha, com uma entrada no arraial empolgante, ao som de uma música específica para o ato, no qual ela teve completo destaque. Diferente das demais damas, seu vestido tem as cores do arco-íris em menção óbvia à comunidade LGBTQI+.



Imagens 04 e 05:
Rainha da Quadrilha Junina
Zabumba.
Fotografias de Paulo Mafe.

Ainda em 2019, a Quadrilha Junina Evolução, de Recife, Pernambuco, trouxe como tema a Missa do Vaqueiro. Trata-se de um evento anual ocorrido no sertão pernambucano, que mistura rituais católicos, catolicismo popular e festas de vaquejada. Vale sublinhar que o vaqueiro é um personagem masculino, que condensa sentidos da masculinidade hegemônica do ‘homem nordestino’, logo, seria um tema bastante improvável para inserção de conteúdos e personagens LGBTQI+. No meio do espetáculo, o marcador anuncia a entrada da rainha da quadrilha, entretanto, ele enfatiza que se trata da ‘rainha da diversidade’, em alusão ao concurso de rainhas trans que ocorre antes das festas juninas, reunindo em competição as representantes dos grupos inscritos na disputa²¹. A vencedora desse concurso na edição de 2019 foi a rainha da Junina Evolução, que durante todas as apresentações da quadrilha teve esse título divulgado propositalmente, evidenciando a sua identidade trans.



Imagens 08 e 09.
Rainha trans da Quadrilha
Junina Evolução.
Fotografias de Paulo Mafe.

Nos espetáculos juninos supracitados, mulheres trans performam damas, são as rainhas de seus grupos, sem o compromisso com a interpretação da cisgeneridade e, de certa forma, da cisheteronormatividade, quebrando a ilusão cênica de gênero esperada na exibição de uma quadrilha. Não precisam assim, embora o façam em grande medida, encenar a corporalidade ligada ao modelo ideal/esperado do feminino se não quiserem, pois não há segredos entre elas, os espectadores e os jurados. Elas são mulheres trans performando damas *queer*²².

Destacamos, enfim, os esforços dessas quadrilhas em apresentar temas com conteúdos políticos, tentando relacionar o repertório imagético e discursivo constitutivo do ciclo junino, que tradicionalmente subsidiou a produção das quadrilhas, às questões sociais, às pautas políticas que atentam para as minorias sociais e mobilizam a vida dos(as) brincantes. Tendo em vista a participação contundente de gays e transexuais, não só nos espetáculos como também em funções de liderança, a homofobia e a transfobia se tornam temas prementes, justificados pelos altos índices de crimes de ódio movidos por preconceito social²³.

Há décadas, as quadrilhas juninas do Nordeste e do Norte do país têm se transformado em espaços de sociabilidade no qual convivem quadrilheiros e quadrilheiras com diversas experiências de corpo, gênero, sexualidade, classe social e raça. Destacamos que esses espaços são arenas nos quais as diferenças compõem e engendram processos de convivência, disputas, conciliação e conflitos. Essas artistas populares agenciam as tradições continuamente e agora repensam a ideia tradicional de ser e fazer quadrilha, consequentemente, encampam discussões políticas que libertam os corpos da estrutura binária e cisheteronormativa limitadoras constitutivas da própria dimensão festiva, simbólica, ritualística e agonística na qual se situam. Nos corpos indecorosos, dissidentes, desobedientes, está a esperança de novos tempos e novas tradições que incluam a pluralidade e a democracia em seu cotidiano.

Considerações finais

Este artigo produziu um retrospecto e refletiu sobre alguns avanços na ruptura da estrutura de inteligibilidade cisheteronormativa que ainda tem como eixo a categorização dicotômica excludente e hierarquizada de macho-fêmea, homem-mulher, heterossexual-homossexual em uma importante manifestação da cultura popular nordestina. Concomitante a esses avanços, há a permanência dessa estrutura hegemônica de inteligibilidade social binária.

A participação de homens cis gay, travestis e mulheres trans nas quadrilhas juninas de Pernambuco assume uma perspectiva ambivalente. Por um lado, esses corpos dissidentes perseguem atributos de um modelo ideal de feminilidade via paródia corporal atualizando e reforçando a lógica dicotômica; por outro lado, findam por desmascarar a ficcionalidade do corpo e gênero cis como uma inscrição ‘natural’ nos corpos desconstruindo em outros processos de inteligibilidades. Tais desconstruções no contexto ritual festivo do ciclo junino – ligado à família, ao casamento, à cisheterossexualidade e à cisgeneridade – já é um feito importante no caminho do fortalecimento do respeito e aprendizado com as diferenças.

Nossa contribuição, então, foi apontar os limites desse movimento quando confrontado com as ideias de subversão ou adequação à lógica binária materializada na conexão linear entre corpo-gênero-sexualidade; tanto quanto apresentar experimentações recentes que apontam para novas perspectivas desse jogo de subverter e enquadrar.

A ilusão cênica de gênero – como uma operação realizada pelos quadrilheiros no intuito de produzir uniformidade a todas as pessoas que dançam como damas, independentemente de serem homens ou mulheres (cis ou trans) – explicita a performatividade de um modelo ideal de feminilidade, dificultando o quanto possível que esses corpos sejam associados como corpos dissidentes da identificação hegemônica de seus marcadores de corpo, gênero e sexualidade binários. Ela turva a ideia da diferença que o discurso atual dos quadrilheiros preza, pautado na aceitação e visibilidade para a comunidade LGBTQI+.

e na defesa de seus grupos como espaços privilegiados de respeito e aprendizado com a diferença (Melo 2018).

A expressiva participação da comunidade LGBTQI+ nas quadrilhas juninas se mostra um importante dado de pesquisa e ainda é um campo a ser explorado. Por exemplo, é preciso produzir uma crítica à ausência da discussão crítica sobre as mulheres lésbicas e as diversas formas de expressão das mulheridades excluídas da tradição junina, também à ausência notória de homens trans dançando como cavalheiros. Na literatura sobre essa manifestação popular ainda se fala pouco sobre a experiência de homens cis gays que se apresentam dançando como cavalheiros, mas com ‘trejeitos afeminados’, ‘dando pinta’, desafiando noções e consensos sociais acerca da masculinidade hegemônica, e desestabilizando a performatividade de cavalheiro predeterminada pela inteligibilidade de pares categoriais dicotômicas, excludentes e hierarquizadas cara ao universo das quadrilhas juninas. Temos muito a pesquisar ainda.

A quadrilha junina, uma manifestação da cultura popular que não tem motivações religiosas, hereditárias e nem tampouco é unicamente lazerística, converte sua arte em debates políticos e se apresenta como fenômeno privilegiado para se pensar a subversão e a adequação às lógicas sociais hegemônicas.

Notas:

¹ A sigla LGBTQI+ significa: Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer (pessoas que transitam entre noções de gênero), intersex (pessoas cujo desenvolvimento sexual corporal não pode ser categorizado de forma binária, ou seja, masculino ou feminino e + (símbolo utilizado para incluir outros grupos e variações de gênero e sexualidade que superam a cisheteronormatividade) (EDUCA+BRASIL). Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/dicas/qual-o-significado-da-sigla-lgbtqi>. Acesso em: 20 de outubro de 2022.

² Nome dado aos espaços festivos onde ocorrem apresentações e competição entre as quadrilhas. Durante os festejos juninos, centenas de arraiais são instauradas nas mais diversas comunidades das capitais e nas cidades do interior do Nordeste.

³ Cisgênero é um termo utilizado a partir da “década de 1990 e difundida no ciberativismo, ativismo realizado pela internet, principalmente por pessoas trans e não binárias. Designa pessoas que se identificam única e exclusivamente com o sexo/gênero que lhes foi atribuído ao nascimento (Bonassi 2017:19-20).

⁴ No campo da antropologia, Hugo Menezes Neto, autor deste artigo, se interessa pelo tema do gênero e sexualidade nas quadrilhas juninas, tomando-o como transversal entre seus problemas de pesquisa sobre o movimento quadrilheiro do Recife e Região Metropolitana (2007 e 2009). Liana Melo (2018), mais recentemente, produziu uma dissertação de mestrado sobre “corporalidades dissidentes e direitos humanos nas quadrilhas juninas do Recife”, no Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, da Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do sociólogo Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda, também autor deste artigo. Roberto Nascimento, quadrilheiro e pesquisador, produziu seu trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no bacharelado em dança, da mesma universidade, analisando a sua própria experiência de ser um homem cis que performou uma dama em uma quadrilha pernambucana.

⁵ O antropólogo Rafael Noleto (2016) produziu uma tese de doutorado, na Universidade de São Paulo (USP), sobre a interface entre gênero e raça nas quadrilhas juninas de Belém do Pará, que se transformou em livro. A socióloga Hayeska Barroso (2019) produziu uma tese sobre ‘o caráter performativo do gênero’ nas quadrilhas juninas do Ceará, na Universidade Federal do Ceará. O antropólogo Thiago de Castro (2018) dirigiu o documentário ‘O São João também é trans’, sobre a experiência de mulheres trans e travestis quadrilheiras da cidade de Sobral, no Ceará, e, atualmente dedica-se a pesquisa para a tese acerca do mesmo tema, no doutorado em sociologia na Universidade Federal do Ceará. Sobre o filme, ver também a resenha crítica escrita por Hugo Menezes Neto (2019), publicada na Revista Brasileira de Estudos da Homocultura.

⁶ O antropólogo Gérard Lenclud (2013) chama a atenção para a relativa indefinição da ideia de tradição devido a recorrência irrefletida do seu uso e a indistinção entre sua aplicação analítica e aquela do senso comum. Essa imprecisão faz o termo tradição abarcar, ao mesmo tempo, os conteúdos simbólicos, os modos de seleção, de apresentação e de transmissão desses mesmos conteúdos. Tradição, enquanto categoria analítica imprecisa, parece pressupor forma e conteúdo, estética e mensagem cultural, repasse e preservação, e essa ubiquidade torna o termo escorregadio (Lenclud 2013). Tradição no campo da antropologia das festas é uma noção complexa, seu uso se ampara quase sempre em oposições binárias classificadoras cujos sentidos dizem respeito ao tempo histórico (passado/presente); às operações sociais (mudanças/continuidades); aos sujeitos envolvidos nas dinâmicas sociais (conservadores/inovadores); aos qualificativos estéticos e performativos (moderno/tradicional); e às fronteiras espaciais das matrizes referenciais (autêntico/inautêntico).

⁷ A encenação de um casamento celebrado entre um homem e uma mulher cisgêneros. No entanto, é tema recorrente do repertório da cultura popular já na Europa moderna, como aponta Burke (1989). Logo, é uma herança europeia. O antropólogo Jadir Pessoa afirma ainda que as quadrilhas encenam casamentos em alusão aos rituais reais que aconteciam no interior do país junto à fogueira:

“o casamento em volta da fogueira, encenado hoje como uma comédia grotesca, já foi muito praticado, com validade, em algumas regiões de maior isolamento” (2005:27). De acordo com Câmara Cascudo (1988), os casamentos realizados no fogo da fogueira ocorriam devido a dois motivos: a distância entre as localidades interioranas e o grande volume de matrimônios a serem celebrados, fatores que dificultavam o trabalho da Igreja.

⁸ O ‘tema’ é fio condutor da narrativa de um espetáculo de quadrilha junina. Envolve um intenso trabalho de pesquisa e, aproximadamente como ocorre com os enredos das escolas de samba, deve articular todos os elementos avaliados pelos concursos. O tema deve subsidiar a concepção dos figurinos, das coreografias, do aparato cênico (cenários e outros objetos) e da história do casamento; ele deve aparecer nesses itens. Os temas apresentam aspectos do universo simbólico das festas juninas, da vida no interior ou do que se convencionou a chamar de ‘cultura nordestina’. Mais informações sobre o tema e o desenvolvimento de espetáculos juninos em Pernambuco, ver Menezes Neto (2009, 2015). Ver também Thiago de Castro (2018), no que se refere às quadrilhas do Ceará.

⁹ Butler (2003, 2008) assume a paródia como política que possibilita rupturas para novos sentidos serem condensados, ou seja, para novas inteligibilidades surgirem entre o sujeito e o objeto a ser imitado. Assim, a autora estabelece uma comparação da imitação burlesca literária com homens travestidos de mulheres, realizando show e se apresentando em locais de diversão nas discotecas gays, dentre outros sítios. Tal perspectiva também abarca mulheres travestidas de homens. Tais ações paródicas desestabilizam e denunciam a ficcionalidade das categorias de macho e fêmea, homem e mulher, heterossexual e homossexual.

¹⁰ Nessa perspectiva, a paródia, como ação política, contribui para a desestabilizar e ou desconstruir a inteligibilidade binária cisheteronormativa de um suposto fundamento essencialista sobre os corpos, gêneros e sexualidades, ver Miranda & Oliveira (2012) e Miranda & Silva (2016).

¹¹ Os concursos regionais mais importantes são: Nordeste (com as campeãs de cada estado do Nordeste), organizado pela União Nordestina de Entidades Juninas (UNEJ), e o Concurso Regional da Rede Globo Nordeste. O concurso nacional de maior relevância é organizado pela Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas (CONFEBRAQ).

¹² Personagem que conduz um espetáculo junino promovendo a interação com a plateia e ajudando a contar a história proposta pelo tema. Pode funcionar como um “mestre de cerimônias” apresentando a quadrilha ou como um personagem dentro da dramaturgia produzida para o espetáculo. Esse papel por muito tempo foi exercido quase que exclusivamente por homens cis. Um papel importante por ser o único item de julgamento pautado no trabalho individual. Em geral, são as lideranças de uma quadrilha.

¹³ Os pontos explorados foram levantados pelas lideranças das quadrilhas por nós entrevistadas: Quadrilha Lumiar, Quadrilha Dona Matuta, Quadrilha Raio de Sol e Quadrilha Junina Tradição, que iluminam as desigualdades de gênero na experiência festiva.

¹⁴ Os figurinos de uma dama nas grandes quadrilhas podem custar de R\$800,00 a R\$1.500,00. Personagens como noivas e rainhas podem custar até quatro vezes mais.

¹⁵ Passabilidade é uma categoria que explica a experiência de pessoas trans que ‘passam por’ uma pessoa cis na vida social sem maiores resistência devido a sua aparência ser mais adequada às expectativas sociais de gênero. Acionamos a noção de ‘passabilidade trans’ a partir da reflexão do antropólogo Tiago Duque (2020). Para ele, passabilidade tem relação com os conceitos de inteligibilidade e interseccionalidade, além de se inscrever na discussão sobre regimes de (in)visibilidade, tecnologias corporais, agências dos sujeitos e o imperativo do sistema cisheteronormativo.

¹⁶ Roberto Nascimento (2017:49), que também já performou uma dama, em sua pesquisa, entrevistou 6 homens gays cis que performam damas em suas quadrilhas. As entrevistas falam sobre o processo de suas ‘montações’ ou de suas transformações em damas, estão todas transcritas e apresentadas no anexo do trabalho. Como exemplo, trouxemos o depoimento de Glaybson Souza, na época da entrevista dançava de dama na Quadrilha Junina Tradição. Ele reforça que é um homem gay em seu dia a dia e que apenas no período junino, nos espetáculos de sua quadrilha ele ‘se monta’ para dançar de dama, assumindo a persona de Alice. Em suas palavras: “o processo de transformação é demorado. Tudo começa com depilações, tirar todos os pelos, barba, fazer sobrancelhas, limpeza de pele para ficar com um rosto limpo para começar o processo de maquiagem. Como somos homens, precisa-se que a maquiagem seja modelada, ou seja, tem que honrar a beleza das mulheres [...]. Após a maquiagem, vem o processo da peruca. Tem que ser comprada a peruca da cor e tamanho certo para a pessoa, e quando coloca, geralmente ela é colada no processo doloroso. Aí vem o processo de penteado, unhas postiças, cílios postiços. E no final de tudo, está bela para arrasar no São João, como dama”.

¹⁷ Sobre a construção sociocultural das masculinidades hegemônicas e subalternas ver: Connel, Messerschmidt & Fernandes, 2013. Sobre tais construções em contextos populares ver Nogueira & Miranda 2017.

¹⁸ A complexidade do ‘feito de indistincão’ nas quadrilhas juninas foi discutida no filme ‘São João também é trans’, de Thiago de Castro, e analisado pela resenha sobre o filme, produzida por Hugo Menezes Neto (2019:215). Menezes Neto analisa os depoimentos de Andrynky, uma das interlocutoras apresentadas no filme, quadrilheira da cidade de Sobral-CE. Para ela o efeito de indistincão é parte fundamental da potência da experiência quadrilheira. No arraial ela se sente ‘a verdadeira mulher’. Ela conceitua essa experiência como ‘projeto’, e o projeto de ser dama se confunde com o de ser mulher. Nas palavras de Andrynky: “É a festa mais maravilhosa, eu me realizo totalmente. É quando eu me sinto realmente a Andrynky [...]. Quando eu estou dentro de quadra eu me sinto uma verdadeira mulher. [...] Só o prazer de vestir aquele vestido, todo aquele detalhe de vestir a meia, calçar o sapato, fazer penteado, colocar o arranjo, tudo o que uma mulher faz. Não é só ser uma travesti, vestir uma saia e uma blusa e sair na rua. É todo o projeto, a gente fica realmente uma mulher. E quando a gente está dançando, lá por debaixo do vestido ninguém sabe o que é, a gente está de vestido, a gente é uma mulher [...] Eu sou vista como ‘aquela mulher ali que dança naquela quadrilha’. Então eu sou apontada como ‘aquela mulher que dança na ponta, aquela que está com o vestido tal’. Isso pra gente é muito prazeroso”.

¹⁹ Vale ressaltar que a transfobia é a intolerância resultante da doença das pessoas consideradas ‘normais’, geralmente cis, que não conseguem respeitar a diferença dos corpos trans ou travestis. A transfobia é um termo específico para designar a violência física e simbólica que esses corpos sofrem, assim como as lésbicas e os gays (Borrillo 2010), por desestabilizarem e denunciarem, com suas paródias corporais, o estatuto binário das categorias excludentes e hierarquizadas de corpo, gênero e sexualidade.

²⁰ Depois de espancada, bastante ferida e atordoada como resultado da violência física sofrida, Dandara Santos foi carregada como um corpo abjeto em um carro de mão.

²¹ Esse tem grande repercussão no Brasil. São concursos nos quais as mulheres trans e travestis competem pelo título de rainha. Expressam como o movimento quadrilheiro apresenta outras possibilidades de construção de gênero que não necessariamente passem pela capacidade de adequação, integração ou habilidade para esconder sua condição de pessoa trans. Na verdade, é essa condição que as permite participar de outros circuitos de interação e competição, e neles serem famosos, reconhecidos e aceitos. Sobre esse tema ver o trabalho de Rafael Noleto (2016), com as quadrilhas do Pará, e de Hayeska Barroso, no Ceará.

²² Vale ressaltar que essa ruptura da ilusão cênica ou estética sobre o corpo e o gênero em uma perspectiva dicotômica, excludente e hierarquizada também foi abordada por Sônia Maluf ao problematizar essas categorias excludentes na análise do filme *Tudo Sobre Minha Mãe*, de Pedro Almodóvar (Maluf 2005). Em seu artigo, a autora expõe que a corporalidade e desejo marcam o gênero na margem de forma explícita quebrando com a ilusão estética na ocultação e reforço dos pares categoriais dicotômicos excludentes e hierarquizados como vinham sendo visibilizados em outros filmes. Nesse caminho, essa desestabilização dos referidos pares categoriais dicotômicos vem sendo materializada nas referidas quadrilhas.

²³ No Brasil, a violência contra a população LGBTQI+ “é um fenômeno histórico. Na dimensão simbólica, a violência funciona bem ao lançar mão do foco de atenção colocado na ideia de um modelo único e obrigatório de família nuclear cis, heterossexual e biparental, que apaga a diversidade sexual e de gênero” (Mello 2006 apud Cerqueira, Ferreira & Bueno 2021:58), “[...] agora para o recorrem a estereótipos e estigmas que marcam os LGBTQI+ como agentes desviantes de contaminação e degeneração, recorrendo a discursos morais, sociais, biológicos, religiosos e médicos. [...] No Brasil, essa violência ganhou força recentemente com o surgimento de movimentos moralistas anti-LGBTQI+ movidos por narrativas de suposta priorização das crianças e da família” (Kalil 2020 apud Cerqueira, Ferreira & Bueno 2021:58). A respeito da lgbtfobia, ver também Silva, Miranda & Santos (2020).

Referências:

ALMEIDA FILHO, José Marcelo. 2022. *O gênero em jogo: o dispositivo da cisgeneridade e as representações sobre as transgeneridades em projetos de lei federal*. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

- BAKHTIN, Mikhail M. 1999. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: HUCITEC.
- BARROSO, Hayeska C. 2019. “Dança Joaquim com Zabé, Luiz com Iaiá, dança Janjão com Raqué e eu com Sinhá”: a espetacularização da festa e o caráter performativo do gênero nos festejos. Tese de Doutorado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.
- BONASSI, Brune. 2017. *Acordos societários sobre o sexo binário e cisgênero*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- BORRILLO, Daniel. 2010. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica.
- BURKE, Peter. 1989. *Cultura Popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras.
- BUTLER, Judith. 2003. *Problemas de Gêneros: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BUTLER, Judith. 2008. *Cuerpos que Importan: sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós.
- BUTLER, Judith. 2022. *Desfazendo gênero*. São Paulo: UNESP.
- CASTRO, Edgardo. 2009. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica.
- CASTRO, Thiago S. de. 2018. *Política das relações quadrilheiras: um estudo a partir da experiência do grupo competitivo Estrela do Luar, em Sobral/CE*. Dissertação de Mestrado. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- CASCUDO, Luis da C. 1956. *Antologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Martins.
- CERQUEIRA, D., FERREIRA, H. & BUENO, S. (eds.). 2022. *Atlas da violência - IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)*. Brasil. Ministério da Economia 2021. (<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1375-atlasdaviolencia2021completo>; acesso em 15/11/2022).
- CHAUI, Marilena. 2014. *Conformismo e Resistência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- CONNELL, R. W. & MESSERSCHMIDT, J. 2013. “Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.” *Revista Estudos Feministas [online]*, 21(1):241-282.
- DUQUE, T. 2020. “A Epistemologia da passabilidade: dez notas analíticas sobre experiências de (in)visibilidade trans.” *História Revista*, 25(3):32-45.
- FOUCAULT, Michel. 2007. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo: Graal.
- HEILBORN, M^a Luiza. 1999. “Construção de Si, Gênero e Sexualidade.” In HEILBORN, M^a Luiza (ed.): *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, pp.: 40-59. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- JESUS, J. G. de. 2012. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. Brasília: ed. do autor.
- JESUS, J. G. de. 2013. “Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio”. (In) *Visibilidade Trans 2: História Agora*, 16(2):101-123.

- JESUS, J. G. de; et al. 2014. *Transfeminismos: teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Metanoia.
- LENCLOUD, Gerard. 2013. "A tradição não é mais o que era... Sobre as noções de tradição e de sociedade e de sociedade tradicional em etnologia." *Revista História, Histórias*, 1(1):148-163.
- LOURO, Guacira L. 2004. *Um Corpo Estranho: ensaio sobre a sexualidade e teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- MALUF, Sônia W. 2005. "Corporalidade e desejo: tudo sobre minha mãe e o gênero na margem". In FUNCK, S. & WIDHOLZER, N. (eds.): *Gênero em discursos da mídia*, pp.: 207-222. Florianópolis: Mulheres/Santa Cruz do Sul.
- MELO, Liana de Q. "Na minha quadrilha só tem gente que brilha": *corporalidades dissidentes e direitos humanos nas quadrilhas juninas do Recife/PE*. 2018. Dissertação de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- MENEZES NETO, Hugo. 2009. *O Balancê no Arraial da Capital: quadrilha e tradição no São João do Recife*. Recife: Do autor.
- MENEZES NETO, Hugo. 2007. Damas e Cavalheiros. O Estudo de Caso das Quadrilhas juninas do Recife. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Gênero, Feminismo e Cultura Popular. In: *Seminário Internacional Fazendo Gênero 7*. UFSC, Florianópolis-SC.
- MENEZES NETO, Hugo. 2015. "Música e Festa na Perspectiva das Quadrilhas Juninas de Recife." *Revista Antropológicas*, 26(1):103-133.
- MENEZES NETO, Hugo. 2019. "O São João Também é Trans': Resenha do filme de Thiago de Castro sobre a experiência das mulheres trans nas quadrilhas juninas de Sobral-CE." *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, 2(3):210-217.
- MIRANDA, M. & OLIVEIRA, S. 2012. "Teoria Social e Epistemologia Feminista: desestabilizações das categorias sexo, gênero e sexualidade". *Revista Estudos de Sociologia*, 1(18):01-14.
- MIRANDA, M. & OLIVEIRA, A. C. 2016. "Os Limites das Categorias Heteronormativas no cotidiano escolar e a Pedagogia Queer: o caso do uso do banheiro." *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, 32(13):350-373.
- MIRANDA, M. & SILVA, R. 2016. "Do Essencialismo Ao Desconstrutivismo: um breve balanço das pesquisas brasileiras sobre homossexualidade e suas interseções com as categorias de corpo e gênero." *Revista Estudos de Sociologia*, 22(1):183-222.
- MIRANDA, M. & LIMA, L. 2019 "A prática pedagógica dos direitos humanos: marcadores sociais da diferença e o combate ao bullying." *Momento-Diálogos em Educação*, 28(1):328-348.
- MIRANDA, M., GRANGEÃO, F. & MONTENEGRO, F. 2020. "A Pandemia do Covid-19 e o Descortinamento das Vulnerabilidades da População LGBTQI+ Brasileira." *Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade*, 6(2):102-119.
- MISKOLCI, Richard. 2007. A teoria Queer e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização. Trabalho apresentado no 16º Congresso de Leitura do Brasil. Campinas-SP.

- MISKOLCI, Richard. 2009. "A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização." *Revista Sociologias*, 11(21):150-182.
- NASCIMENTO, José Roberto. 2017. *Entre Damas e "Outras Damas": um estudo sobre as travestilidades nas quadrilhas juninas da Região Metropolitana do Recife*. Trabalho de Conclusão de Curso. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.
- NASCIMENTO, Leticia C. 2021. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra.
- NOGUEIRA, C. & MIRANDA, M. 2017. "A (Re)Produção das Masculinidades Hegemônicas: homens, famílias populares e violações dos direitos humanos." *Revista Interterritórios*, 3(5):120-140.
- NOLETO, Rafael da S. 2016. "*Brilham estrelas de São João!*": gênero, raça e sexualidade em performance nas festas juninas de Belém – PA. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- OLIVEIRA, A., MIRANDA, M. & SILVA, M. 2018. "Questões de gênero, sexualidade e laicidade no ensino público tendo como eixo de debate a disciplina de ensino religioso em escolas de Recife." *Revista ETD-Educação Temática Digital*, 20(4):864-886.
- OLIVEIRA, João M. 2022. "Saberes e corpos trans*: materialidades da autodeterminação." In PRADO, M. & FREITAS, R. (eds.): *Travestilidades em diálogo na pista acadêmica*, pp.: 57-70. Brasília: Autêntica Editora.
- PASSOS, Maria Clara A. dos. 2022. *Pedagogias das Travestilidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- PERRA, Hija de. 2014. "Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma." *Revista Periódicus*, 1(2):291-298.
- PESSOA, Jadir de M. 2005. *Saberes em Festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular*. Goiânia: UCG/ Kelps.
- RAIMUNDO, L. et al. 2021. "As Travestis, Transexuais e Transgêneros (TTTs) e a escola: Entre a (re)produção e a denúncia dos corpos abjetos." *Research, Society and Development*, 10(10):01-15.
- SILVA, D., MIRANDA, M. & SANTOS, M. 2020. "Homofobia e interseccionalidade: Sentidos condensados a partir de uma pesquisa bibliográfica." *Revista Interterritórios*, 6(10):200-224.
- VERGUEIRO, Viviane. 2012. *Pela descolonização das identidades trans*. . Trabalho apresentado no VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH, Salvador-BH.
- VERGUEIRO, Viviane. 2016 "Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial." In MESSEDER, S., CASTRO, M. & MOUTINHO, L. (eds.): *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero*. Salvador: EDUFBA.

Referência Audiovisual:

Castro, Thiago. 2018. *São João também é trans*. Documentário. YouTube, 07 de junho de 2018. (<https://www.youtube.com/watch?v=T35r1LJQFQc>; acesso em 26/08/2022).

New Ladies in Camp: notes on the festive experience of trans women and transvestites in the June gangs of Pernambuco

Abstract: This article analyzes questions about the participation of trans and transvestite women in the *quadrilhas juninas* of Pernambuco. Assuming that the June gangs are forged in a cisheteronormative festive tradition, which divides its players between ladies and gentlemen, we point out how such participation engenders subversions and deconstructions in the binary and sexist logic constitutive of social intelligibility, at the same time that it produces adjustments and frameworks to the aforementioned hegemonic logic. We therefore analyse, from the observation of the shows, an ongoing process of building new ways of presenting the feminine and giving visibility to the LGBTQI+ community in the biggest popular public show presented in June in the Northeast.

Keywords: *Festas Juninas*, *Quadrilha Junina*, Gender, Sexuality, Tradition.

Recebido em novembro 2022.

Aprovado em dezembro 2022.